

Trade Promotion Bureau

Rooms 2014-21 Sun Hung Kai Centre, 30 Harbour Road, Wanchai, Hong Kong
Tel (852) 2525 7003 Fax (852) 2877 2813
www.brazilianconsulate.org.hk secomhkg@brazilianconsulate.org.hk

Siderurgia

As empresas siderúrgicas vivem hoje como crianças atrás de doce: procuram como loucas matérias-primas para continuar a produzir mais e mais aço. Isso porque, se em anos anteriores o setor siderúrgico esteve marcado por uma forte consolidação entre seus atores para obter mais escala, no último ano viu-se uma mudança de paradigma. Agora, praticamente para garantir sua subsistência diante dos elevados preços dos insumos as siderúrgicas buscam ser donas das minas de ferro e carvão, ou ao mesmo seus acionistas. Nesse processo, a América Latina tem se tornado cada vez mais atraente para empresas como a Arcelor Mittal, a ThyssenKrupp e as chinesas Baosteel, Sinosteel e Shaogang, que anunciaram compras de mais minas ou a intenção de aumentar sua presença na região.

As empresas siderúrgicas da América Latina seguem a mesma tendência, particularmente no Brasil, o maior exportador de ferro do mundo. A Usiminas (Nº 50 do ranking) investiu aproximadamente US\$ 1 bilhão na compra da empresa de ferro J. Mendes e suas filiais, além de ter anunciado que investirá US\$750 milhões adicionais na compra de minas nos próximos cinco anos. Já o grupo Gerdau (Nº 20) e a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN (Nº 66) também disseram que investirão na expansão da provisão de ferro própria.

Com uma alta de 71% no preço do ferro e de praticamente 100% no do carvão coqueificável e da sucata de ferro, entende-se que a integração vertical agora seja de suma importância. Há somente seis meses, o preço do aço plano quente (*hot roll band*), amplamente usado como referência no mercado, estava entre US\$ 450 a US\$ 500 a tonelada. Em meado de 2008, chega a US\$ 1,1 mil. Nesse aumento tem peso crucial, os custos de matéria-prima, que subiram de 15% para cerca de 50%, segundo dados de consultoras internacionais.

“Estamos diante de uma mudança total do cenário mundial”, diz Michael Locker, da consultora siderúrgica Locker Associates, de Nova York, ao explicar o motivo desse aumento vertiginoso. “A demanda nos países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), e não somente na China, está crescendo a passos de gigante por causa da alta na construção de casas e infra-estrutura. Além disso, está ocorrendo uma enorme transferência da riqueza de países desenvolvidos para emergentes ou em desenvolvimento. E a tudo isso é preciso somar o fato de que simplesmente não há aço nos países emergentes crescerá anualmente entre 4% e 5% nos próximos cinco anos, enquanto em países desenvolvidos o crescimento será de apenas 1% ou 2% anuais.

No primeiro semestre de 2008, o Brasil, o maior produtor da região, reduziu suas exportações em 18%, apesar de sua produção de aço bruto ter crescido 8%, segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia. No mesmo período, as vendas internas cresceram 23% e as importações aumentaram 93%. “As siderúrgicas obtêm margens muito melhores vendendo no mercado local, devido à forte demanda, à proximidade e à valorização do real”, explica Juliana Chu, analista do BES Securities em São Paulo.

4- Siderurgia

Secom Hong Kong